

É, porém, necessário algo de parecido com isso para a tarefa de deciframento do melancólico. Proust, como diz Benjamin, entusiasmou-se pela «*linguagem secreta dos salões*». Benjamin foi atraído por códigos mais compactos. Coleccionou livros de emblemas, gostava de formar anagramas, jogou com pseudónimos. O seu amor aos pseudónimos é muito anterior às suas necessidades de refugiado judeu alemão, que, de 1933 a 1936, continuou a publicar críticas em revistas alemãs com o nome de Detlev Holz, nome que utilizou para assinar o último livro que publicou em vida, *Deutsche Menschen*, editado na Suíça em 1936. No espantoso texto escrito em Ibiza em 1933, *Agessilaus Santander*, Benjamin fala da sua fantasia de ter um nome secreto: o nome deste texto — que gira em torno da figura de um desenho de Klee que ele possuía — *Angelus Novus* — é, como indicou Scholem, um anagrama de *Der Angelus Santanas*. Era um extraordinário grafólogo, informa Scholem, apesar «*de ter posteriormente ocultado esse dom*».

A dissimulação e o segredo parecem ser uma necessidade para o melancólico. Tem relações complexas, muitas vezes veladas, com os outros. Estes sentimentos de superioridade, de incapacidade, de sentimento frustrado, de não ser capaz de obter o que se quer, ou sequer de lhe dar um nome apropriado (ou consistente) para si próprio, podem ser, sente-se que devem ser, ocultados pela amabilidade ou pela mais escrupulosa manipulação. Utilizando uma palavra que também foi aplicada a Kafka por aqueles que o conheceram, Scholem fala da «*cortesia quase chinesa*» que caracterizava as relações de Benjamin com os outros. Mas não nos surpreende saber, vindo isso a propósito do homem que foi capaz de justificar «*as inventivas de Proust contra a amizade*», que Benjamin também podia abandonar brutalmente os amigos assim como abandonou os seus camaradas do Movimento da Juventude, quando já não lhe interessavam. Ninguém se surpreende ao saber que este homem exigente, intransigente, ferozmente sério, também

*a isca*

podia adular pessoas a quem provavelmente não considerava suas iguais, que podia permitir-se «*morder o isco*» (são as suas próprias palavras) e deixar que Brecht se mostrasse condescendente para com ele nas suas visitas à Dinamarca. Este príncipe da vida intelectual também podia ser um cortesão.

Benjamin analisou ambos os papéis em *Origem da Tragédia Barroca Alemã*, através da teoria da melancolia. Uma característica do temperamento saturnino é a lentidão: «*O tirano cai devido à parcimónia das suas emoções.*» «*Outro aspecto de predomínio saturnino*», diz Benjamin, «*é a infidelidade.*» Isso pode ser apresentado pelo personagem do cortesão no drama barroco, cujo espírito é «*a própria flutuação*». O aspecto manipulável do cortesão é em parte uma «*falta de carácter*»; em parte «*reflete uma redenção inconsolável e deprimida a uma conjunção impenetrável de constelações nocivas (que) parecem ter tomado um carácter maciço, quase como de coisa*». Apenas alguém que se identificasse com este sentido da catástrofe histórica, este grave desalento teria podido explicar por que é que o cortesão não deve ser desprezado. A infidelidade aos seus congéneres, explica Benjamin, corresponde à «*fé mais profunda, mais contemplativa*», que mantém com os símbolos materiais.

O que Benjamin descreve poderia entender-se como simples patologia: a tendência do temperamento melancólico projectar para fora de si o seu torpor interno como a imutabilidade do infortúnio que é experimentada como «*algo maciço, quase como uma coisa*». Mas o seu argumento é mais audaz: chama a atenção para o facto de que as profundas trocas entre o melancólico e o mundo sempre ocorrerem através das coisas (e não com pessoas). E que são trocas genuínas, que revelam um significado. É precisamente porque estão obcecados pela morte, que são os